

PROTOCOLO DA ENTREVISTA

(Educadora Maria)

Ent.: Boa tarde. O tema desta entrevista é “Contributos da educação pré-escolar para a construção da identidade na criança” e tem como objetivo conhecer a perspetiva das educadoras de infância acerca da importância que atribuem à educação pré-escolar na construção da identidade na criança. Quero, desde já, agradecer-lhe o facto de estar a participar neste estudo, pois sem a sua contribuição ele não seria possível. Saliento, ainda, que as declarações são confidenciais e serão tratadas de uma forma anónima. Como tal, gostaria de pedir-lhe que procedesse à seleção de um nome fictício.

Suj.: Pode ser Maria.

Ent.: Muito bem Maria! Bem, para começar gostaria que me falasse um pouco sobre as suas características pessoais?

Suj.: Eu, como pessoa? (risos)

Ent.: Sim.

Suj.: Ah... como é que eu sou como pessoa (risos). Acho que sou uma pessoa muito honesta, uma pessoa muito franca nas minhas funções. Sou uma pessoa muito sincera e, às vezes, até sou sincera demais e... pronto, tenho alguma dificuldade em fingir que gosto quando não gosto, até porque fica muito estampado na minha cara. Acho que sou muito transparente, o que às vezes faz com que as pessoas fiquem com uma ideia errada a meu respeito, depois também me costumam acusar de ser uma pessoa fria e de ser uma pessoa mais agressiva, pela minha frontalidade, pela minha franqueza... e pronto, isso às vezes acarreta algumas dificuldades nas minhas relações humanas com as pessoas. Ah... depois, o que é que eu posso dizer mais de mim... ah, não sei... pronto (risos).

Ent.: Ok. Considera que as suas características pessoais tenham influência no seu percurso profissional?

Suj.: Ai, tem... tem...

Ent.: Tem...

Suj.: Tem tudo a ver com as minhas características... eu como pessoa. Aliás, eu até costumo dizer que a gente ensina mais aquilo que somos do que aquilo que aprendemos e é verdade. A minha intervenção toda, pedagógica, tem a ver com aquilo que eu sou como pessoa.

Ent.: Ok, Maria. Fale-me um pouco sobre o seu percurso profissional?

Suj.: Então, eu tirei o curso no Magistério Primário, o curso de educadoras no Magistério Primário, que na altura eram três anos... dois anos de parte curricular e depois um ano de estágio, de prática de estágio numa instituição. Ah, depois uns anos mais tarde fiz uma especialização em educação artística, educação pela arte, aqui na Universidade. Pronto e depois fui sempre fazendo vários tipos de formações que eu gostava, de música, de dança, de expressão dramática, fiz sempre muitas formações nestas áreas. Pronto, também fiz outras em computadores, também fiz algumas em educação física e assim.

Ent.: E há quanto tempo é que é educadora de infância?

Suj.: Eu sou há vinte e oito anos, educadora de infância.

Ent.: E, nesta instituição, há quanto tempo é que colabora?

Suj.: Aqui nesta instituição estou cá há vinte anos.

Ent.: Muito bem. E quer realçar alguns aspetos que ache relevantes na sua profissão?

Suj.: Aspetos... hum, pronto eu além de educadora sou Coordenadora Pedagógica nesta instituição, praticamente desde que isto abriu. Eu fui evoluindo em termos profissionais, fui sempre evoluindo, fui sempre pesquisando e estudando, nunca parei. Depois, à medida que fui aprendendo novas coisa, não é... fui aplicando na prática, fui experimentando, fui gostando da experiência e, essa mesma experiência, fui passando para as outras pessoas que trabalham comigo, que fazem equipa comigo. Ah... pronto, todas as pessoas que têm entrado, umas foram embora outras vieram, outras educadoras vieram e, portanto, eu tenho passado sempre esta metodologia. Ensino sempre as outras pessoas que cá estão a trabalhar, a trabalharem com esta metodologia de trabalho e a assumirem, portanto, toda esta filosofia de trabalho desta instituição. Ou seja, no fundo esta instituição é a minha cara, é aquilo que eu sou e que eu gosto, que depois acabo por passar para a outras pessoas e levá-las, portanto, a trabalharem desta forma. Pronto, tenho um grande peso aqui. É verdade, tenho um grande peso nesta instituição (risos).

Ent.: Ok, Maria. Qual é a importância que atribui à educação pré-escolar nos dias de hoje?

Suj.: Toda a importância do mundo. Acho que é muito bom as crianças irem para o jardim de infância, não só para brincar e para socializarem com as outras crianças, mas também para terem acesso a uma série de informações, fazerem uma série de aprendizagens, portanto, desenvolver as suas próprias capacidades. E que quando

chegarem à escola, ao primeiro ciclo, já levam uma série de aprendizagens realizadas, o que lhes vai facilitar também as novas aprendizagens numa outra fase da vida deles.

Ent.: Hum, hum... Portanto, acha que a educação pré-escolar proporciona muitos benefícios à criança, tanto médio como a longo prazo?

Suj.: Muitos, muitos.

Ent.: Especificando agora à temática desta entrevista, o que entende por identidade pessoal?

Suj.: Identidade pessoal? É o quê? (risos).

Ent.: Sim...

Suj.: Identidade pessoal. O que é que eu entendo por identidade pessoal? Ah.... No fundo é um bocado aquilo que eu há pouco disse. É... quem me conhece. Olha é engraçado porque agora estou a lembrar-me de uma coisa (risos). Quem me conhece, quem fala comigo, quem frequenta..., quem se reúne comigo, quem conversa comigo mesmo fora desta instituição fica a perceber como eu sou como profissional, o que eu gosto, o que eu não gosto, a importância que eu dou a determinadas coisas, quais são as coisas menos importantes e as mais importantes. E já tive a experiência de uma vez uma colega minha ter feito uma comunicação, e é engraçado, que por acaso quem tinha feito a comunicação dela, por acaso, tinha sido eu. Eu é que tinha estado por trás dessa comunicação toda, mas quem a foi apresentar foi ela e nem fui eu... e havia pessoas na plateia que me conheciam tão bem, de tal forma, que no final da comunicação disseram: “Maria, viu-se mesmo que eras tu que estavas por trás daquilo tudo que a tua colega disse” e eu achei engraçado porque, no fundo, é isto que é a tal identidade pessoal. Isto tinha sido uma mãe, que a filha tinha passado aqui pela instituição e, portanto, conhecia muito bem o funcionamento, conhecia-me muito bem e percebeu que embora estivesse outra pessoa a falar sobre um determinado assunto, sabia que tinha sido eu que tinha estado lá por trás, sem ser preciso ter-lhe dito nada. Penso que é a tal identidade pessoal, portanto.

Ent.: Exato. Que lugar acha que a identidade pessoal ocupa no quadro da educação pré-escolar?

Suj.: Acho que ocupa um lugar de destaque, pois a criança é o objeto, digamos assim, da educação pré-escolar. É ela que está lá, é ela que faz parte da educação pré-escolar. Os adultos que a acompanham têm que saber as capacidades que aquela criança tem, em que fase etária está para poder, por exemplo, adaptar todas as atividades àquela criança.

Portanto, ela é o ponto máximo ou o ponto fulcral, digamos assim, da educação pré-escolar. Pronto, é ela que está lá, é ela que é o meio, é ela que é o veículo.

Ent.: Muito bem. Qual a importância que atribui ao seu papel de educadora no processo de desenvolvimento da personalidade da criança?

Suj.: Aqui, no desenvolvimento da personalidade não... pronto, eu acredito que nós tenhamos alguma influência e que, nós como educadoras, consigamos semear algo de bom ou algo de mau, não é? Porque nós também podemos semear coisas más nas crianças, depende um bocado da nossa postura e daquilo que lhes passamos, dos princípios morais, de uma série de princípios que fazem parte da educação. Portanto, mas a criança já vem, de certa forma, formatada, entre aspas, do seu meio familiar. O meio familiar aqui tem um papel muito grande na formação da criança, ela já vem com uma carga muito grande. Depois nós podemos tentar semear qualquer coisa de bom e ela pode estar aberta a assimilar, não é? Depois também depende um bocado da criança e depende muito, mas principalmente do meio, de onde ela vem, do meio familiar. Penso que aqui o meio familiar é mais... é o que tem maior força, digamos assim. Depois nós podemos entrar com mais força ou menos força, não é? Depende um bocado da postura e da atitude do adulto que está na instituição.

Ent.: Ok. E qual é a importância que atribui, também, ao seu papel de educadora no processo de desenvolvimento do comportamento social na criança?

Suj.: Então aqui nós sabemos não é, que dentro da instituição ou dentro de um grupo de crianças, tem de haver regras, regras de comportamento. E isto é a tal semente que nós podemos semear nas crianças, não é? E desenvolver nelas o saber estar com o outro, o saber respeitar, o saber esperar... isto são tudo regras que são muito trabalhadas no jardim de infância, porque se trabalha em grande grupo. Eles aprendem a esperar, aprendem a falar no momento certo, vão aprender que não podem bater, que não podem empurrar, pronto... porque isto são atitudes reflexivas, não é, da criança, que faz isto quase instantaneamente, mas que nós, os adultos, estamos cá, no fundo, para travar, para contornar, para educar, para passar um pouco, para dizer “olha não é assim, por isto ou por aquilo”, portanto, dar-lhe determinadas razões de forma a que ela entenda e que ela vá crescendo com essas mesmas regras que são importantes para quando ela for adulta saber conviver em sociedade.

Ent.: Claramente. E qual é o modelo curricular que privilegia?

Suj.: É o projeto. É o trabalhar em projeto que eu privilegio, que eu gosto muito porque acho que se consegue trabalhar em todas as áreas de conteúdo... trabalhando em

projeto, portanto e porque tudo no fundo na vida está interligado e eu para as crianças acho que é muito interessante fazer estas interligações todas.

Ent.: Ok. De que forma é que feita a organização dos materiais, do espaço e do tempo tendo em conta a identidade da criança?

Suj.: Então, elas têm tudo à mão. Elas têm, portanto, elas têm folhas de desenho, elas têm os lápis, as tesouras, os marcadores, tudo de forma a que elas tenham acesso fácil a esses materiais, para lhes criar também alguma autonomia, porque eles vão aprendendo a ser mais autónomos, a irem buscar, pois apetece-lhes fazer um desenho elas podem ir buscar as folhas, podem ir buscar os lápis ou outro material, apetece-lhes fazer plasticina o material está à mão... portanto, todo o espaço foi criado e pensado a levá-los a ser responsáveis, porque depois têm de ser responsabilizados pela desarrumação e, ao mesmo tempo, pela arrumação. Se lhes apetece brincar na casinha das bonecas eles têm os materiais também à mão, para poderem realizar essas mesmas brincadeiras, os jogos também estão à mão deles, ou seja, todo este espaço foi pensado nestas faixas etárias, na criança em si e nas necessidades que elas têm.

Ent.: E a organização do tempo, como é que é feita tendo em conta a identidade da criança?

Suj.: O tempo também é pensado... ora eles estão cá mais ou menos oito a doze horas. Há crianças que estão cá doze horas e outras menos. Portanto, o tempo está todo dirigido, digamos, por fases do dia. Há o período do acolhimento, que é quando nós estamos a receber as crianças e, ao mesmo tempo, vão realizando algumas atividades... nós consideramos algumas atividades livres, o desenho, as pinturas, a plasticina, os recortes e as colagens, os jogos, brincar na casinha das bonecas, portanto, o ver livros na biblioteca, portanto isto é aquilo que eles podem ir fazendo durante este período. Depois, a partir das dez horas, como já todas as crianças chegaram começam a haver algumas atividades dirigidas, ou dentro das expressões, ou então outra atividade dirigida. Ou seja, esperamos que o grupo chegue todo e quando se quer fazer alguma comunicação com eles, esperamos que o grupo chegue todo para reunir e poder conversar com eles, para poder fazer então outro tipo de atividades mais dirigidas. Depois, a seguir, têm o período da higiene, antes de irem para o almoço. Vão almoçar e depois do almoço têm outro período de higiene, para lavar os dentes, ir à casa de banho, depois vão dormir. Depois acordam e voltam novamente a ter outro período de higiene. Vão lanchar, vestem batas, têm outro período de higiene e vão brincar... a parte da tarde são sempre tardes livres de brincadeira, até os pais chegarem, claro.

Ent.: Ok. E de que modo o desenvolvimento da personalidade é tido em conta na altura de delinear os objetivos educativos?

Suj.: Não tem a ver com a personalidade da criança. Tem a ver com a faixa etária. Tem a ver com o desenvolvimento da criança. Depois as estratégias, às vezes, é que mudam de criança para criança, porque aí, sim, tem a ver com a personalidade da criança. Quando há um trabalho mais individualizado, aí temos em conta a personalidade da criança, o feitio, porque se há crianças que são logo muito responsáveis, muito maduras, há outras crianças com exatamente a mesma idade real, que não são tão maduras, não são tão responsáveis, não são tão concentradas, não têm tanta atenção e necessitam de um maior incentivo, de um maior estímulo porque caso contrário não funciona, ou seja, elas não conseguem realizar as atividades. E estou a falar do que vai desde uma atividade simples, portanto todas aquelas atividades livres que eu falei há pouco até uma atividade mais dirigida, portanto mais complexa. Então aqui sim, temos de ter em conta a personalidade da criança, porque se para umas funciona uma determinada estratégia, para outras funciona outra estratégia completamente diferente. Com umas nós podemos ser mais brandas, na sua exigência, com outras temos de exigir mais delas, porque elas têm capacidade para ir mais longe, há outras que exigimos menos... portanto, aqui sim, nesta parte, num trabalho mais individualizado.

Ent.: Ok. E o comportamento social? De que forma é que é tido em conta na altura de traçar os objetivos educativos?

Suj.: No comportamento social também tem a ver com a criança em si... também há crianças que nós temos de ter em conta que há crianças mais sensíveis e outras menos sensíveis, e também aqui podemos refrear um pouco mais a forma como, como é que eu hei-de dizer, como nos dirigimos a eles. Estou a lembrar-me, por exemplo, quando as crianças falam, quando são mais agressivas no seu comportamento social para com a outra, então às vezes com estas crianças temos que ser mais firmes. Há outras crianças que a sua agressividade é mais esporádica, não é frequente, é só porque realmente naquele momento, aquela criança tinha razão para ser agressiva com a outra. Aqui nós não temos de ser tão firmes, ou podemos ser firmes mas deixando uma porta aberta, deixando que a criança fique a pensar nesse assunto mas sem ter a necessidade de sermos tão firmes ou tão rígidas, mais para o rígido.

[Entra alguém na sala e a entrevista é interrompida, sendo retomada nos segundos a seguir]

Ent.: E que estratégias e atividades é que desenvolvem, aqui na instituição, que possam favorecer o desenvolvimento da personalidade?

Suj.: Olha a expressão dramática, por exemplo, é um jogo, é uma expressão, portanto é uma atividade onde se trabalha muito todas essas características da personalidade na criança, principalmente a expressão dramática. Mas, por exemplo a dança educativa também é uma atividade onde se trabalha muito, porque exigem muitas regras, exige muita atenção, e aquelas crianças menos atentas, normalmente, também apresentam comportamentos menos adequados dentro destas atividades. Enquanto numa lhes é proporcionado levá-los, portanto, através do jogo, a passarem cá para fora um pouco daquilo que elas são, na outra controla, vai controlar na parte da dança educativa, é que controla, embora se trabalhe também a expressão, mas de uma forma mais controlada. Portanto, eu penso que estas duas atividades, principalmente estas duas, trabalha-se muito a personalidade da criança.

Ent.: E relativamente ao desenvolvimento do comportamento social, que tipo de atividades e estratégias é que se desenvolvem?

Suj.: Os jogos na motricidade desenvolvem muito. Fazem-se perfeitamente jogos sociais, onde estão submetidas regras que eles têm de respeitar, sei lá... dentro da sala, o serem alinhados em comboio, o saberem, por exemplo, dentro de uma sala que há uma caixa de marcadores e de lápis de cera, e essa caixa tem de andar de um lado para o outro, tem de ser partilhada por todos, portanto eles têm de se habituar a partilhar, portanto é uma forma de eles irem desenvolvendo... e são estratégias aqui também, no fundo que se aplicam, ao seu desenvolvimento social de forma a que eles saibam o que é a partilha. Sei lá, trazem por exemplo bolos de casa, bolachas, saberem que chegam mas que também têm de dar bolachas aos amigos, para saberem partilhar também aquilo que trazem de casa, os brinquedos que trazem de casa, saberem emprestar, portanto tudo isto é-lhes passado diariamente... que tudo o que trazem é para partilhar com os outros, a importância de partilhar, do emprestar, hoje empresto eu e amanhã emprestas tu, pronto acho que é por aí.

Ent.: Ok. Muito obrigada Maria, não tenho mais nada nenhuma questão para colocar-lhe e queria agradecer-lhe pela sua colaboração.

Suj.: Obrigada.

Ent.: Obrigada eu.